

## **MENSAGEM DA FAMÍLIA A LÚCIO**

Caro Papi, Opa ou Biso (como te chamam os teus filhos, netos e bisnetos); Lúcio ou Tchiweka dos teus companheiros de luta...

Acabaste por partir, depois de longos anos de luta contra a doença que se veio agravando desde meados dos anos 80 e de uma grave crise que te atingiu em finais do ano passado. Juntas-te agora à Ruth, tua companheira de sempre, cuja ausência, faz agora quase 16 anos, agravou ainda mais o já débil estado de saúde em que te encontravas.

Desculpa-nos por falarmos um pouco mais de ti, rompendo a tua eterna modéstia e simplicidade.

Mais do que pai dos teus filhos, foste um dos pais do “teu” Movimento, o MPLA, pelo qual tudo deste.

Da multidão aqui presente, muitos provavelmente não chegaste a conhecer directamente. Dos conhecidos, se alguns estarão aqui por mero dever, muitos são os que foram teus reais companheiros ou amigos directos e indirectos, reconhecedores dos teus feitos, sinceramente sentidos pela tua ausência.

Já não estão aqui nenhuns dos que contigo caminharam pela Casa dos Estudantes do Império, na criação clandestina do Movimento Anti Colonialista (MAC), nem aqueles que contigo formaram o 1º Comité Director do MPLA em Conakry em 1960.

Já aqui estão presentes, ou de longe te acompanham, milhares daqueles com que partilhaste a luta nas florestas do Maiombe em Cabinda, nas chanas do Leste no Moxico e em diferentes outros países africanos.

Alguns dos já poucos aqui presentes recordam-se da crise de 1963 em que foste uma das excepções entre os intelectuais, não abandonando o barco que parecia afundar-se.

Também não o abandonaste quando alguns jovens chegaram a acusar-te de cobardia e até de complot para a tomada do poder no seio do Movimento. O decorrer da luta e os períodos posteriores vieram mostrar o militante consequente que sempre foste, defendendo princípios e não pessoas, escrupuloso na defesa da dignidade dos Angolanos, dedicando-te totalmente à causa da Revolução enquanto fisicamente foste capaz.

Para muitos aqui presentes, ainda está seguramente na memória a tua presença na 2ª Região Político-Militar no Congo e em Cabinda, a tua presença na Operação Macaco, no ataque ao quartel Miconge, a tua presença nas Zonas A, B e C da 3ª Região Militar no leste de Angola, a calma e o controlo que mantiveste durante tentativas de desestabilização do Movimento, a justeza da posição tomada aquando das tentativas de aniquilamento ou fragilização do MPLA em 1974.

Ficaram registados para a posteridade a apoteótica recepção que tiveste em Novembro de 1974 em Luanda, quando chefiaste a 1ª delegação do MPLA a chegar à capital, assim como o momento em que solenemente empossaste Agostinho Neto como Presidente de Angola, em 11 de Novembro de 1975.

Depois disso, a actividade partidária do MPLA levou-te a todo o país. Muitos reconhecem o teu papel na luta pela soberania de Angola, nos combates internos, mas também no apoio dado à "continuação da nossa luta, no Zimbábue, Namíbia e África do Sul". Para ti, Angola era verdadeiramente "a trincheira firme da Revolução em África" e não era só propaganda.

Acompanhamos a tua ingenuidade que levou a desvalorizares a seriedade da ameaça que se materializou num dia de Maio de 1977, com todas as consequências que daí derivaram.

Assistimos ao teu enorme desgosto quando a morte levou prematuramente o Presidente Neto. Hoje percebemos como foi difícil, naquela altura, fazeres o elogio fúnebre do teu companheiro e amigo, dominando com dificuldade a emoção. Mas com a mesma determinação passaste o testemunho de Neto ao Presidente José Eduardo dos Santos.

Nós, tua família, acompanhámos-te nos momentos de vitórias, de esperança e também de tristeza e desencanto. Deixaste-nos o legado do teu exemplo e dos teus ensinamentos através da tua postura, das conversas que fomos por vezes acompanhando, que nos foram transmitidas ou que contigo tivemos. E sempre recebemos de ti a certeza da justeza da causa e da vitória, pela construção de uma sociedade justa para todos.

Nascestes e crescestes no centro de Angola, filho de um português e de uma angolana, só vindo a conhecer a capital anos mais tarde. Foi longe da movimentada e dinâmica urbanidade angolana que iniciou a tua rebeldia contra a injustiça, viesse ela donde viesse, fosse do sistema, fosse da religião. Foi em Portugal, com outros estudantes irrequietos e revoltados que viriam a marcar a geração dos nacionalistas independentistas, que começaste a destacar-te. Foi o período em que surgiram figuras históricas das ex-colónias portuguesas como Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos e outros. Foi o período em que conhecestes a Ruth, tua eterna companheira de luta, quando juntos frequentavam organizações estudantis já claramente antifascistas, com quem alargaste a família com o Paulo em Portugal, a Wanda na Guiné Conakry e o Bruno no Congo-Brazzaville. Foi pena não terem concretizado o desejo que tinham de ter mais um filho em Angola. No entanto, passariam a contar com mais filhos de diferentes cantos do país, o José Katuya e a Valia no Moxico, o José da Silva no Congo, o Samba em Luanda e o nosso irmão congolês Jean-Michel.

O teu caminho passou a ser também o da tua família. Seguimos-te pela Alemanha, pela Tunísia, Guiné-Conakry, os Congos Léopoldville e Brazzaville e finalmente para Angola.

Como muitos, pouco tempo tiveste para a família, seja como pai ou como avô. Não fomos nenhuma exceção. Isso nos ensinaste tu também. Aprendemos contigo que o ser-se família de um dirigente não significava ter-se mais direitos ou regalias, mas sim mais deveres. Que os direitos não devem medir-se em função das descendências, mas das capacidades e do mérito de cada um. Temos orgulho em saber que partes com a certeza de que nenhum dos teus filhos te desiluiu, acreditando serem também um exemplo para os teus netos.

É em teu nome que agradecemos a todos aqueles que enviaram as suas condolências e aqueles que hoje aqui se fizeram presentes.

É em teu nome que agradecemos o apoio que te foi dado nestes últimos meses, garantindo que ainda estivesses presente entre nós, apoio dado sem hesitação pelo Estado Angolano através do Presidente José Eduardo dos Santos.

Os nossos agradecimentos vão igualmente para o corpo clínico, desde o Lubango até Luanda, que tudo fez para minimizar a grave situação em que se encontrava Lúcio Lara.

Queremos agradecer também:

Aos militantes do MPLA pelo carinho sempre manifestado.

À direcção do MPLA pela solidariedade manifestada em horas difíceis.

Aos que connosco criaram a Associação Tchiweka de Documentação, para preservar parte do teu legado histórico.

A todos os amigos e partidos, nacionais e estrangeiros, que mandaram as suas condolências, com particular destaque para o Estado de São Tomé e Príncipe aqui representado pelo seu Presidente Manuel Pinto da Costa, ao Governo de Cabo-Verde e ao PAICV aqui representados pela Ministra Ajunta do 1º Ministro Cristina Lima, o representante da UCCLA e do Partido Socialista Português Vitor Ramalho e para o Camarada Marcelino dos Santos, último sobrevivente da geração dos dirigentes do Movimento Anti Colonialista (MAC) aqui representado pela sua filha.

Aos adversários políticos, e não foram poucos na tua vida militante, que manifestaram respeito pela tua integridade e coerência.

O nosso agradecimento muito especial para todos aqueles que ao longo da vida de Tchiweka o acompanharam nos momentos mais difíceis da sua trajectória e, ultimamente, os que ajudaram a enfrentar os seus problemas de saúde.

Vemos-te partir mas a tua memória ficará sempre connosco.

Adeus, Lúcio ou Tchiweka de todos nós.

Continuaremos juntos.

2 de Março de 2016.